

JOANA RAMÔA. 2008

***CHRISTUS PATIENS.  
REPRESENTAÇÕES DO CALVÁRIO  
NA ESCULTURA TUMULAR  
MEDIÉVAL PORTUGUESA  
(SÉCULO XIV)***

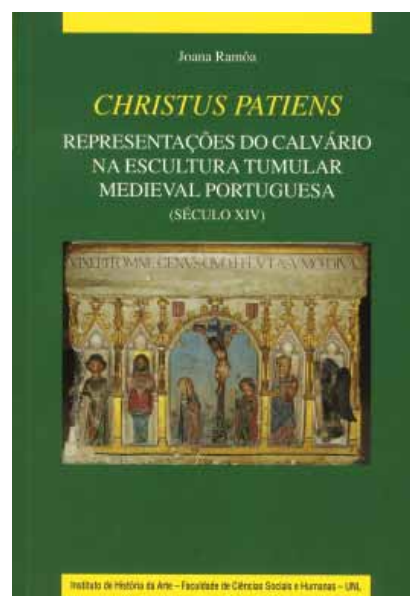
**LISBOA: INSTITUTO DE HISTÓRIA  
DA ARTE – FACULDADE DE  
CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DA UNIVERSIDADE NOVA DE  
LISBOA**

---

LUÍS U. AFONSO

Instituto de História da Arte, FL-UL

O livro em epígrafe corresponde, em grande parte, à dissertação de mestrado em História da Arte Medieval apresentada por Joana Ramôa, em 2007, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL. Esta dissertação foi desenvolvida pela autora enquanto bolsista de investigação do projecto IMAGO, uma base de dados de iconografia medieval que se encontra em livre acesso através da internet<sup>1</sup>. Deste modo, até ao momento, o livro em apreço constitui um dos *outputs* científicos mais relevantes do referido projecto<sup>2</sup>. A metodologia seguida na componente mais inovadora e profícua do livro de Joana Ramôa assenta na análise formal e compositiva de uma série iconográfica principal, no caso as representações do Calvário existentes na escultura funerária portuguesa do século XIV, complementada por uma série iconográfica secundária, a Estigmatização de S. Francisco esculpida em obras do mesmo tipo. Conforme destacou Jérôme Baschet<sup>3</sup>, a análise serial implica o recurso a sistemas informáticos de armazenamento e indexação de imagens, de modo a tratar de forma sistemática e exaustiva obras com a mesma iconografia. Este trabalho, facilitado pelos computadores, torna mais simples a identificação das mudanças, das constantes e dos pequenos detalhes que as imagens de uma série apresentam, o que por vezes permite avançar com interessantes descobertas e interpretações.



1. Esta base de dados inclui, para já, apenas informações referentes à iluminura e à escultura funerária gótica portuguesa. Ainda assim, constitui, sem sombra de dúvidas, uma das mais importantes ferramentas de trabalho que o historiador da arte medieval portuguesa tem à disposição na Web: <http://imago.fcsh.unl.pt/>. Realizada a partir de um projecto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (referência POCTI/EAT/45922/2002), espera-se que esta base de dados venha a ter continuidade em termos de financiamento por parte da mesma instituição e que alargue os géneros artísticos inventariados a curto prazo.

2. Entretanto, e resultantes do referido projecto, foram também já publicados os seguintes artigos na área da escultura tumular medieval: Ramôa, Joana. 2008. Os Centros de Produção Escultórica Medieval de Coimbra e Santarém: um olhar dirigido à iconografia do Calvário na Escultura Tumular Medieval Portuguesa. *Arte Teoria*. 11: 109-123; Silva, José Custódio Vieira da e Ramôa, Joana. 2008. O Retrato de D. João I no Mosteiro de Santa Maria da Vitória. Um novo paradigma de representação. *Revista de História da Arte*. 5: 76-95; Silva, José Custódio Vieira da. 2009. A Construção de uma Imagem. *Jacentes de Nobres Portugueses do século XIV. El Intercambio Artístico entre los Reinos Hispanos y las cortes europeas en la Baja Edad Media*. Léon: Universidad de León, 407-429.

3. Baschet, J. 1996. Inventivité et sérialité des images médiévales. Pour une approche iconographique élargie". *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 51: 93-133. Um assunto que o autor continua a rever e a alterar, tendo dado à estampa várias versões do mesmo trabalho, designadamente "Porquoi élaborer des bases de données d'image? Propositions pour une iconographie sérielle". Bolvig, A. e Lindley, P. (eds). 2003. *History and Images: Towards a New Iconology*. Turnhout: Brepols, 59-105; Baschet, J. 2008. Pour une iconographie sérielle. *L'Iconographie Médiévale*. Paris: Gallimard, 251-280.

4. Sem pretendermos ser exaustivos, gostaríamos de sublinhar os estudos mais recentes desenvolvidos por Silva, José Custódio Vieira da. 2003. *O Panteão Régio do Mosteiro de Alcobaca*. Lisboa: IPPAR, 2005. *Memória e Imagem. Reflexões sobre escultura tumular portuguesa. Séculos XIII e XIV*. *Revista de História da Arte*, 1, 46-81. Fernandes, Carla Varela. 2001. *Memórias*

Independentemente da qualidade da organização e indexação informática dos dados recolhidos, nada poderá resultar dos mesmos sem a participação criativa dos investigadores. No caso concreto deste livro, as vantagens e potencialidades da base de dados referida seriam perfeitamente estêreis sem a perspicácia, a competência e o profundo interesse pela arte medieval que Joana Ramôa revela. Embora os capítulos iniciais sejam demasiado genéricos, não temos dúvidas em como este livro constitui uma mais-valia para os estudos de arte medieval portuguesa, em particular no domínio da escultura funerária gótica, uma área onde se têm feito importantes progressos nos últimos anos<sup>4</sup>, mas onde ainda há muito a pesquisar.

Este livro pode ser dividido em duas partes distintas, tanto na temática como na metodologia. A primeira parte (pp. 17-83), que corresponde aos capítulos I e II, trata de aspectos introdutórios e de contextualização. Incide, sobretudo, na evolução iconográfica do tema do Calvário (cap. I), desde o período paleocristão até ao final do século XIV, e no esboço de um quadro histórico (cap. II) dedicado às grandes linhas da espiritualidade medieval e à relação que a Igreja foi mantendo com a imagem durante o mesmo período. Metodologicamente, é um trabalho que assenta na sintetização de literatura crítica e não sobre fontes primárias. A segunda parte (pp. 85-146), constituída pelos capítulos III a VII, é dedicada à representação do Calvário e da Estigmatização de S. Francisco na escultura funerária portuguesa do século XIV. Esta parte do livro, ao contrário da anterior, resulta da análise directa de dez monumentos funerários góticos, a saber, os túmulos de Martim Afonso Chichorro (†1314, Santarém), da rainha Isabel de Aragão (c.1330, Coimbra), de Fernão Sanches (c.1335, Porto), de João Gordo (c.1330-40, Porto), do arcebispo Gonçalo Pereira (1334, Braga), do bispo de Évora Pedro II (†1340, Évora), do bispo do Porto Afonso Pires (†1362, Balsemão - Lamego) e de Inês de Castro (1358-60, Alcobaca), todos eles com representações do Calvário, e ainda os túmulos de Leonor Afonso (c.1325, Santarém) e do rei Fernando I (c.1382, Santarém), estes dois com representações da Estigmatização de S. Francisco.

Em relação à primeira parte deste estudo, capítulos I (pp. 23-50) e II (pp. 51-83), julgamos que o seu interesse é menos significativo, pelo que, em nossa opinião, os seus conteúdos poderiam ter sido abreviados sem que o livro perdesse a qualidade e a relevância que possui no panorama da historiografia da arte medieval portuguesa. De facto, não obstante a rigorosa apresentação das metodologias a seguir e dos problemas a investigar (pp. 23-27), estes dois capítulos iniciais encontram-se dependentes de fontes algo datadas. No capítulo dedicado à iconografia de Cristo em geral, e do Calvário em particular, as obras mais utilizadas pela autora foram publicadas em 1928<sup>5</sup>, 1939<sup>6</sup>, 1940<sup>7</sup>, 1945<sup>8</sup> e 1957<sup>9</sup>. Consequentemente, a reflexão apresentada não reflecte uma outra problemática que actualmente envolve a questão da génese e evolução da iconografia de Cristo e do Calvário.<sup>10</sup>

Quanto ao capítulo dedicado à apresentação das grandes linhas da espiritualidade medieval e à relação entre a imagem e a Igreja, desde o período paleocristão aos inícios do século XV, parece-nos desviar-se um pouco dos objectivos centrais da obra. Teria sido talvez mais útil para o leitor a limitação desta análise contextual ao

período que corresponde, de facto, ao objecto de estudo da autora, ou seja, a Baixa Idade Média e em especial o século XIV.

O enorme valor deste livro reside, portanto, na segunda parte da obra, que corresponde aos capítulos III a VII (pp. 85-146), onde a autora estuda directamente vários monumentos funerários góticos portugueses. A partir de um sólido e apurado cotejo compositivo e formal das representações do Calvário na tumulária trecentista nacional, a autora propõe a identificação de dois modelos artísticos para a representação deste tema. Através de uma análise sustentada nas características plásticas das obras, a autora considera que estes modelos correspondem à cultura artística de dois núcleos escultóricos distintos, um situado em Coimbra, outro situado em Santarém. Em termos compositivos, o Calvário do grupo de Coimbra segue um modelo vertical, dispondo Cristo, a Virgem e S. João numa estrutura triangular, enquanto que o grupo de Santarém segue um modelo horizontal, com estas figuras praticamente ao mesmo nível, notando-se, por exemplo, o alargamento do braço da cruz e a presença do *titulus* (ausente no grupo coimbrão). Por outro lado, Joana Ramôa destaca que as figuras do primeiro modelo, de Coimbra, assumem uma maior desproporção entre a cabeça e o corpo e que as suas figuras possuem uma natureza mais ondulante. Em contrapartida, o segundo modelo, de Santarém, acentua formas mais angulosas e apresenta proporções mais equilibradas nos corpos<sup>11</sup>.

A importância de Coimbra na produção escultórica portuguesa do século XIV é bem conhecida. Porém, em relação a Santarém a situação é bem diferente, pelo que as propostas de Joana Ramôa assumem a maior relevância e merecem o mais elevado destaque. Talvez devido à adulteração e destruição dos principais monumentos funerários góticos de Santarém, bem como devido à deslocação das suas principais obras remanescentes para outros locais – designadamente para o Convento do Carmo em Lisboa –, a excelência e a identidade do núcleo escalabitano não recebeu ainda o estudo merecido. O trabalho desenvolvido na segunda parte deste livro por Joana Ramôa constitui, por isso, um valiosíssimo contributo para o aprofundamento dos estudos dedicados à escultura gótica portuguesa, ao contribuir para se delimitar com maior rigor as características do núcleo coimbrão, ao nível da arte tumular, e ao apresentar, com consistência, notáveis contributos referentes à idiosincrasia do núcleo escalabitano. Por todos estes motivos, o livro de Joana Ramôa deve merecer toda a atenção dos historiadores da arte medieval portuguesa, revestindo-se de um carácter renovador que importa estimular e enaltecer. ●

de Pedra. Escultura tumular medieval da Sé de Lisboa. Lisboa: IPPAR, 2005. Poder e Representação. Iconologia da família real portuguesa – primeira dinastia, séculos XII a XIV. Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada à Universidade de Lisboa. Barroca, Mário. 2002. Escultura gótica. História da Arte em Portugal, Vol. II. Lisboa: Presença, 157-246, e por nós próprios, 2003. O Ser e o Tempo. As idades do homem no gótico português. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

5. Bréhier, L. L'Art Chrétien. Son développement iconographique des origines à nos jours. Paris: Lib. Renouard-H. Laurens.

6. Doncoeur, P. 1939. Le Christ dans l'art français. Paris: Lib. Plon.

7. Kitzinger, E. e Senior, E. Portraits of Christ, Harmondsworth. Penguin Books.

8. Trens, M. El arte en la Pasion de Nuestro Señor (siglos XIII al XVIII). Barcelona: Amigos de los Museos.

9. Réau, L. 1957. Iconographie de l'Art Chrétien, vol. III. Paris: PUF.

10. Por exemplo, a autora segue um modelo explicativo marcado pela «mística imperial», uma ideia formulada na década de 1930 e desenvolvida por autores como A. Grabar, E. Kitzinger ou E. Kantorowicz. Este modelo foi posteriormente refutado por autores como T. Mathews. 2003. The Clash of Gods. A reinterpretation of Early Christian Art, 6.<sup>a</sup> ed. rev., Princeton e Oxford, Princeton University Press, que não só sublinharam a importância do polimorfismo das primeiras imagens de Cristo, como destacaram a forte analogia entre essas imagens e a representação das divindades pagãs.

11. Seria interessante procurar perceber até que ponto estes modelos são conjugáveis com outras representações do Calvário realizadas na mesma época mas em suportes diferentes, designadamente na iluminura e nas estelas funerárias.